



O MONTE PEREGRINO.

Este monte domina o porto e cidade de Palermo; e deve a sua celebridade em grande parte á capella de Santa Rosalia, uma das romarias mais frequentadas das Duas Sicilias.

Durante muito tempo, a gruta consagrada hoje a Santa Rosalia não era visitada senão por pastores que iam ahí procurar abrigo. Algumas ruinas espalhadas sobre o cimo do monte não offerecem bastante interesse para tentar os archeologos. Conforme uns, são restos de fortes, muito tempo defendidos por Amilcar durante a primeira guerra punica; outros vêem ahí as reliquias d'um d'esses castellos que os sarracenos construíram sobre todas as eminencias do solo siciliano. Das tradições populares, não consta que se tenham encontrado nas cavernas do monte Peregrino ossadas gigantescas d'uma raça primitiva.

Emfim conta-se que no seculo XII, uma joven princeza, notavelmente bella, Rosalia, filha do rei Rogerio, desgostosa do mundo e dos prazeres da côrte, se refugiara em uma gruta do monte Peregrino para ahí se consagrar a Deus.

Segundo outra versão do mesmo conto, Rosalia era filha d'um conde Sinibaldo, e foi para se subtrahir ás violencias dos sarracenos que devastavam a Sicilia que ella se retirou primeiro para o monte Quisquino, e depois para a caverna do monte Peregrino, onde morreu ignorada.

VOL. I. — 4.ª SERIE.

A sua historia, o seu sacrificio, e o logar da sepultura eram completamente ignorados, quando em 1624, cinco seculos depois da sua morte, Palermo foi victima d'uma terrivel peste.

Prostrados junto aos altares, os habitantes invocavam o ceo: de repente um d'elles clamou que uma visão acabava de mostrar-lhe o logar onde repoisavam os restos de Santa Rosalia.

Elle subiu no mesmo instante o monte Peregrino, chegou á caverna, e ahí descobriu, com effeito, a preciosa ossada, que foi immediatamente levada a Palermo com grande pompa. A fé dos habitantes d'esta cidade em Santa Rosalia é tão ardente, como a do povo de Napoles em São Januario.

Construiu-se uma capella no proprio logar em que estas reliquias foram achadas. O declivio do rochedo fizera antigamente quasi impraticavel o accesso; hoje, graças á piedade dos habitantes e ás esmolas dos peregrinos, chega-se á capella por uma bella estrada. Este caminho, chamado *la Scala*, forma quinze zigue-zagues, e estabeleceram-se ahí muitas estações onde os fieis podem descansar e orar.

Quando se chega ao cume, a vegetação, que cessara, torna a apparecer, e a vista, fatigada da nudez da penedia, repoisá sobre um verde campo de relva que se estende em volta da capella.

JULHO, 25, 1837.

## DUAS GLORIAS.

## I

Quem se lembra ahi de algum grande successo, occorrido no dia 23 de Abril de 1616?

De repente ninguem responde; o mundo é assim. esquecido, ingrato, apesar de todas as regras da mnemonica e de todos os tratados de moral!

Pois foi uma dupla perda a que a humanidade experimentou n'esse dia; dois dos mais conhecidos e gabados escriptores do mundo, dois dos maiores vultos litterarios do seu seculo, dois dos autores com que mais se ufanam os paizes que lhe deram o berço — a Inglaterra, e a Hespanha, — morreram n'esse dia... William Shakspeare, e Miguel de Cervantes Saavedra!!

O poeta de *Macbeth* e de *Othello*! O historiador de *D. Quixote*!... Quem ha no mundo que não conheça estes nomes? Quem não leu ainda as suas obras, que estão vertidas em todos os idiomas, que tem feito as delicias de tres seculos?

Shakspeare morreu com cincoenta e dois annos justos, no dia anniversario do seu nascimento. Cincoenta e sete annos mais tarde, expirou Molière, com a mesma idade de Shakspeare, unico homem que se pode comparar ao dramaturgo inglez, segundo a opinião de Dumas.

Victor Hugo disse a respeito de Shakspeare, e Alexandre Dumas repetiu, este sublime apothegma:

«É quem creou mais, depois de Deus!»

De facto, Julieta, Desdemona, Ophelia e Miranda, são tanto creaturas do immortal tragico inglez, como nós todos somos creaturas de Deus.

Cervantes, pelo contrario, em vez de crear destruiu, mas destruiu com a força de Satanaz. Fulminou pelo ridiculo a sublime instituição da cavallaria, elle cavalleiro tambem, mutilado em Lepanto, para se vingar da ingratidão dos seus.

«Cento e cincoenta annos depois da morte de Cervantes (diz um illustre escriptor contemporaneo) a historia de D. Quixote tinha chegado ao auge da sua reputação, e tambem a Hespanha tinha chegado ao fundo do abysmo em que a precipitara a perda dos velhos costumes e opiniões de seus filhos. A idéa que gerara a novella estava realisada emfim.»

Cervantes chorava talvez ao traçar as paginas de D. Quixote, essas paginas immortaes que tem provocado o riso de tantas gerações. Pobre e despresado, o cavalleiro d'Africa seguiu o exemplo de Sansão, fazendo desabar o edificio da cavallaria, para sepultar nas suas ruinas a nobreza hespanhola que o havia menospresado, embora com ella ficasse esmagado tambem, e preparasse a futura desgraça da sua patria: a vindicta do genio não foi menos terrivel do que a do gigante!

Contemplemos em rapido volver d'olhos cada um d'estes famosos vultos, separando-os, como em vida passaram, afastados um do outro; depois volveremos a unil-os.

## II

## SHAKSPERE.

O grande dramaturgo inglez nasceu a 23 de Abril de 1564, em Strafford sobre o Avon, e ahi foi morrer, depois de haver passado em Londres a mais gloriosa parte da sua vida.

O pae de Shakspeare era luveiro, e exerceu alguns importantes cargos municipaes em Strafford, no Warwickshire; não era porém rico, e como tinha quatro filhos e uma filha, mandou educar o mais velho dos rapazes, William, na escola gratuita, d'onde passou a praticar com um advogado; porém o futuro dramaturgo tinha mais propensão para a caça do que para o fóro, e fugia continuamente do escriptorio para o campo.

Tendo casado aos dezeseite annos, por obediencia a seu pae, e sem inclinação á noiva, que era mais velha do que elle sete annos e meio, passou até aos vinte e dois cruel vida de guerra domestica, um dos maiores martyrios d'este mundo. N'essa idade um acaso o livrou da companhia que detestava, e lhe abriu o caminho da gloria.

Apanhado em flagrante com outros caçadores desordeiros no parque de sir Thomaz Lucy, e ainda por cima dando o seu contingente para serem espancados os guardas da propriedade, teve que fugir de Strafford; tomando ao acaso o primeiro caminho que encontrou, encostado ao bordão de peregrino, e com muito pouco dinheiro na algibeira, chegou a Londres pelo fim do anno 1586, e alistou-se logo como ponto ou contra-regra n'uma companhia de comediantes.

De portas a dentro do theatro, Shakspeare sentiu desinvolver-se o seu talento dramatico, prodigioso talento que talvez nunca desabrochasse no escriptorio do advogado de Strafford, ou nas campinas cortadas pelo Avon. Então appareceu successivamente sobre a scena de Londres essa preciosa collecção de dramas inimitaveis, esses typos sublimes, desde Hamlet o pensador até Falstaff o truão, desde Julieta a apaixonada até miss Page a falladora.

Os dramas mais geralmente apreciados de Shakspeare são: *Macbeth*, *Hamlet*, *Othello*, *Julieta e Romeo*, *Rei Lear*, *Ricardo III*; as tragedias historicas *Julio Cesar*, *Coriolano*, e *Cleopatra*; as comedias *O mercador de Veneza*, e *As senhoras vizinhas de Windsor*. Além d'estas peças mais conhecidas, os entendedores teem n'um alto apreço *A tempestade*, onde se encontra aquelle immortal typo de ingenuidade, a *Miranda*; *Cymbeline*, onde se admira a sublime criação de Imogene; e toda essa serie de dramas semi-historicos, que tem por titulos: *Rei João*, *Ricardo II*, *Henrique IV* (primeira e segunda parte), *Henrique V*, *Henrique VI* (primeira, segunda e terceira parte), *Henrique VIII*.

As suas outras peças theatraes intitulam-se assim: *Dois gentis-homens de Verona*, *A duodecima noite*, *Precaução por precaução*, *Muita bulha pa-*

ra nada. *Os enganos, Penas d'amor perdidas, Troile e Cressida, Bom e o que bem acaba, A maldade corrigida, Conto de inverno, Como quizer, Timon de Athenas, Sonho de uma noite de estio*; ao todo trinta e cinco, não contando *Pericles*, que apparece como obra de Shakspeare nas edições de Guizot, Laroché, Letorneur e outros, e *Tito* que tambem figura como producção do grande dramaturgo em algumas das mesmas edições, mas que é assaz duvidoso que lhe pertençam.

Vinte annos durou a sua gloriosa carreira de autor dramatico, até que, em 1610, se retirou do theatro, quando Corneille contava quatro annos de idade. Os seus ultimos dias em Strafford sobre o Avon são tão obscuros como os primeiros, passados no mesmo sitio. Similhante a um magnifico arco-iris, diz Alexandre Dumas, elle brilhou no mais alto do empyreo, sumindo-se entre nuvens nos seus dois horisontes.

Shakspeare teve duas filhas legitimas, Judith e Suzana, e um filho natural, William Davenant. Não existe, ha mais de um seculo, nenhum descendente do grande poeta. Mr. Guizot se encarregou, não ha muitos annos, de escrever a *Vida de Shakspeare*, isto é, a sua historia, o exame das suas peças, e a exposição da theoria dramatica a que ellas pertencem.

O poeta escreveu além dos seus dramas, alguns poemas e outras obras em verso e prosa, mas que não accrescentam nenhum florão a sua corôa litteraria.

## III

## CERVANTES.

O insigne autor de *D. Quixote* nasceu em Alcalá de Henares, em 1547. Viveu mais annos do que Shakspeare, não alcançando jámais a posse de uma existencia socegada, como aquelle adquiriu nos ultimos tempos da sua vida, nem uma fortuna colossal como obteve o poeta inglez. Pelo contrario, ao eximio escriptor hespanhol podem applicar-se as palavras d'aquelle singelo epitaphio de Camões: *Viveu pobre e miseravelmente, e assim morreu!*

Depois de ser camareiro de um cardeal em Roma, alistou-se nas tropas do papa, e foi combater com os turcos em Lepanto, sob as ordens de D. João d'Austria. Ahi perdeu a mão e parte do braço esquerdo, com um tiro de arcabuz, e foi captivo dos mouros. Resgatado pelos frades da Trindade, voltou d'Argel a Hespanha, aonde obteve um insignificante emprego em Granada. Tendo casado, sem melhorar de fortuna, arrastou uma existencia dolorosa no meio de privações, até que se finou em Madrid, com sessenta e oito annos de idade, no dia já apontado.

O grande padrão da gloria litteraria de Miguel Cervantes, é a sua historia do cavalleiro andante *D. Quixote de la Mancha*, e do gordo escudeiro *Sancho Pança*, não obstante haver escripto muitas outras novellas, tragedias, e demais obras em verso e prosa, todas de muito inferior mere-

cimento ao do seu immortal livro, popular em toda a Europa.

Conta-se que entrando uma divisão do exercito de Bonaparte em uma aldêa hespanhola, onde lhe fizeram séria resistencia, e dispondo-se a incendial-a, o general perguntara o nome do logar; a resposta de *El Toboso*, o exercito inteiro soltou estrepitosa gargalhada, e a povoação escapou ao incendio em memoria de Dulcinéa. Se assim foi, o genio de Cervantes salvou com o seu livro de *D. Quixote* alguns de seus compatriotas, quasi duzentos annos depois de morto. Tal é o poder do genio, tanto para o bem como para o mal!

## IV

~~Estes dois colossos das litteraturas, ingleza e hespanhola, que escreviam pelos mesmos annos, nunca se encontraram na terra, e talvez nem mesmo soubessem um do outro até que a hora da eternidade bateu simultaneamente para ambos.~~

Não succederia hoje assim.

A Inglaterra não possui agora nenhum Shakspeare, nem a Hespanha outro Cervantes; se os tivessem, já o vapor os houvera aproximado.

Menos ingratos do que os portuguezes, os nossos visinhos já fizeram erigir uma estatua ao autor de *D. Quixote*, em quanto o cantor dos *Lusiadas* deu apenas o nome a uma praça de Lisboa, e começa a esquecer o immortal Garrett, que ainda hontem vivia entre nós.

Shakspeare tem um rico monumento em Westminster, e os seus dramas ainda são hoje representados em Londres, e em toda a Inglaterra. Nenhum bretão deixa de ter orgulho em ser conterraneo do grande poeta, a quem todos os talentos do mundo hão prestado homenagem, a excepção de Voltaire, o mesmo que negou o merecimento de Camões.

F. M. BORDALO.

## DE COMO SE PASSAVAM AS COISAS DA INDIA.

De Fernão Mendes Pinto extrahimos o seguinte excerpto, quando dá noticia das coisas de Liam-poo:

«Havia ali um homem honrado e de boa geração, chamado Lançarote Pereira, natural de Ponte de Lima. Este, diziam que dera uns mil cruzados em ruins fazendas fiados a uns chins, homens de pouco credito, os quaes se lhe levantaram com a fazenda, sem lhe darem mais o retorno d'ella; nem elle ter mais novas d'elles, pelo qual, querendo-se elle satisfazer d'esta perda nos que lhe não tinham culpa, ajuntou para isso uns quinze ou vinte portuguezes ociosos e de má consciencia, e quiçá de peor siso, e deu uma noite em uma aldeia d'ali duas leguas, que se dizia Xipatom, e roubou n'ella dez ou doze lavradores que ahi viviam, e lhes tomou a todos

as mulheres e os filhos, com morte de treze pessoas sem razão, nem causa alguma justa que para isso tivesse. O rebate d'este tamanho insulto se deu logo ao outro dia por toda aquella comarca, e os moradores d'ella se foram queixar d'isto ao Chumbim da justiça, e tirando-se de vassa do que passava o escreveram por petição de clamor do povo, a que elles chamam macalixau, ao Chaem do governo, que é o visorrei d'aquelle reino, o qual mandou logo um Aitão, que é como almirante entre nós, com uma armada de trescentos juncos, e oitenta vancões de remo, em que iam sessenta mil homens, que se fez prestes em dezeseite dias, a qual armada dando n'uma manhã n'esta desaventurada povoação dos portuguezes, a cousa foi de maneira que certificado em verdade que não acho em mim cabedal nem de ingenho, nem de palavras para contar por extenso o que ali passou; imagine-o o bom entendimento. Sómente direi como testemunha de vista que em menos de cinco horas que durou este horrendo e espantoso castigo da mão de Deus, e da potencia da sua divina justiça, não ficou cousa a que se podesse pôr nome, porque tudo ficou abrasado e posto por terra, com morte de doze mil pessoas christãs, em que entraram oitocentos portuguezes, os quaes foram todos queimados vivos em trinta e cinco náos, e quarenta e dois juncos, e em prata, pimenta, sandalo, cravo, maça, noz, e outras muitas sortes de fazendas se disse que se perderam dous contos e meio de ouro.

«E de todos estes males e desaventuras foi causa a má consciencia e pouco siso de um portuguez cubicoso. Ed'este mal nos succedeu ainda outro não pequeno, o qual foi, ficarmos tão desacreditados na terra, que não havia quem nos quizesse ver, dizendo que eramos nós uns demonios em carne humana, gerados por maldição da ira de Deos para castigo de peccadores.

«E isto aconteceu no anno de 1542, governando o estado da India Martin Affonso de Sousa, e sendo capitão de Malaca Ruy Vaz Pereira Marramaque.»

### BARRA DA FIGUEIRA.

O rio Mondego, que nasce perto da cidade da Guarda, na Serra da Estrella, depois de correr cento e vinte milhas, vem lançar suas aguas no Oceano Atlantico, em frente da villa da Figueira. Logo acima da foz dilata-se n'uma espaçosa bahia de mais de tres milhas e meia de comprimento. A bahia divide-se em dois canaes.

Ha poucos annos que se construíram duas grandes obras n'este porto para o melhorar, consistindo ellas em dois diques, e assim ficou cortada a communicacão entre aquelles canaes, e evitada a pequena circulaçã das marés.

Na ponta occidental da rocha, que guarnece a entrada do lado norte, está um pequeno forte dominando a entrada. Esta rocha estende-

se algumas milhas pela praia, e o terreno adjacente forma uma cordilheira que termina no Cabo Mondego.

O lado sul do porto é formado por um extenso cabedello que borda a costa em muitas milhas de extensão.

As grandes correntes produzidas pelas cheias, e pelos ventos do quadrante de SO. e NO. fazem variar a entrada do porto, porque as vagas são grandes, e a encapellação no mar perigosa, accumulando na barra tal quantidade de areia, que as enchentes ordinarias, e o movimento das marés não tem força para as arrojarem novamente ao mar.

Ha tambem uma restinga de areia, a partir do castello, e correndo directamente ao sul, e por isso se apresentava a entrada do porto voltada directamente para o sul; mas desde que as ultimas cheias destruíram uma grande parte da restinga do norte, a entrada ficou voltada ao SO. A profundidade da barra varia entre 2 a 4 pés no baixamar, e a altura do preamar é de 8 a 10 pés. Periga-se com o vento SO. quando sopra rijo; e o norte tambem é prejudicial pela areia que conduz para a barra.

Antigamente havia um excellente ancoradouro com 6 a 8 pés de profundidade, no canal do sul contiguo ao cabedello; porém hoje está entulhado, não subindo a maré pelo Mondego tanto quanto subia primitivamente.

Propõe-se hoje para melhorar esta barra e porto restituir os dois canaes ao antigo estado, destruindo o dique superior que existe na bifurcação d'elles; porque a maior quantidade de agua que se introduzir no porto dará ao canal uma direcção mais recta e constante, e profundará a barra.

A construcção de um dique no extremo norte do cabedello do sul, aproximará ao castello a entrada do porto. Outro dique junto do castello protegeria a entrada, e evitaria o effeito das ondas dentro do porto, e ao longo do caes.

Espera-se bom resultado de alguns cortes no antigo dique central, e seu prolongamento para o lado da barra até certa distancia; assim como ha opiniões de que os diques interiores e exteriores não se devem elevar acima do nivel do preamar, antes devem ficar mais baixos, especialmente os interiores.

Cortando-se uma saliencia que existe na margem opposta do rio, os dois canaes se unirão mais facilmente com o leito superior do mesmo rio.

Tambem seria conveniente melhorar o leito do rio para o lado de Coimbra, para se obter maior altura de agua.

O amor proprio, que se estigmatiza, é aquelle que se confunde com o egoismo, com o orgulho, e com a vaidade; e não o amor de si, que todo o homem deve ter; que é a base da moral; e que lhe ensina, que a sua felicidade depende de ser virtuoso e justo.



TORRE INCLINADA DE S. MIGUEL EM PISA.

Quando se sae de Pisa pela porta della Pia-ge, chega-se a uma avenida plantada de arvo-res que acompanha a margem do Arno, e é um dos passeios mais frequentados da cidade. A alguma distancia, um kilometro pouco mais ou menos, o passeante encontra a igreja de *S. Miguel degli Scalzi*, cuja torre está visivelmente inclinada do lado do Arno.

Todos sabem que existe em Pisa, na praça de Dome, uma celebre torre inclinada, da qual damos o desenho. Comtudo o que está ainda para decidir é se o pendor d'ella foi premeditado, ou é resultado de aluimento do terreno.

A igreja data do seculo XII; e pertenceu antigamente a um convento de Benedictinos, e d'ahi lhe vem o nome de *S. Miguel degli Scalzi* (dos descalços).

A fachada é ornada segundo o estylo da antiga architectura pisana; arcos semi-circulares descansam immediatamente sobre os capiteis das columnas. Por cima da porta ha um baixo relevo representando o Salvador; esta figura pertence ao tempo da antiga escola de João e de Nicolau de Pisa, artistas de grande merecimento, cujas obras se encontram em muitas cidades da Toscana. Ha a lamentar que o estylo da parte superior d'esta fachada fosse alterado pela abertura d'uma janella moderna.

O amor proprio torna insoffrivel o fatuo, e rebaixa o merito a quem o tem.

## O ULTIMO ABBADE DE WHALLEY.

## IV

Continuação.

Espalhou-se a noticia da missa, e os monges todos saíram do seu occulto retiro para se dirigirem ao mosteiro. Muitos receiavam que fosse uma cilada para os prender, mas não desistiram do seu proposito. Só faltaram alguns, que não vieram a tempo, por serem distantes as povoações aonde se tinham refugiado: o povo tambem quiz assistir: mas só se dava entrada a quem vestia roupas ecclesiasticas.

Os habitantes assim excluidos ajuntaram-se aonde podiam ouvir os sons do orgão, e ver a luz que allumiava o templo.

Dava meia noite quando o abbade entrava na igreja acompanhado de todos os monges que o esperavam á porta. Parecia-lhe um sonho ver as tochas no altar, os monges de quem estava ausente ha tanto tempo, a musica sagrada, os perfumes do incenso, e o aspecto da igreja, d'onde tinham desaparecido todos os signaes de abandono, e era a ultima vez que elle devia ali entrar, a ultima vez que teria de ver aquelles com quem habitara tantos annos.

Mas as suas meditações foram interrompidas por uma scena inesperada. Olhando por uma porta de lado que estava aberta, viu perante o altar de uma pequena capella que estava illumi-

nado dois esquifes. N'um d'elles reconheceu o cadaver de Cuthbert Ashbead, no outro o de Elizabeth Demdike, que tinha morrido n'uma convulsão, causada pela impressão que lhe fizera uma maldição que pronunciara o abbade sobre sua filha, quando ella lhe pedia que a abençoasse. Entre os dois corpos estava um monge, o capuz encobria-lhe o rosto. Quando o abbade fitou os olhos n'elle descobriu-se lentamente, e então estremeceu o abbade como se vira um espectro. Pensando que seria alguma illusão, produzida pela exaltação em que estava, fechou os olhos, e quando tornou a olhar viu ainda o monge no mesmo sitio, mas tinha deixado cair outra vez o capuz. Fazendo um esforço para distrahir a penosa recordação que esta vista lhe causava, o abbade encaminhou-se para o logar que lhe estava destinado, aonde se poz de joelhos; e a cerimonia começou.

Foi-lhe impossivel prestar attenção, e orar. Passou em revista todos os actos da sua vida. Lembrou-se de quando primeiro entrara n'aquelle mosteiro penetrado de zelo e piedade. De como tinha chegado a ser sub-prior, e da ambição que sentiu para governar de todo ali: mas appareceu-lhe um rival, que apesar de ser mais moço do que elle, era seu superior em saber e piedade; e havia por isso ganho tanta consideração entre as autoridades ecclesiasticas, que temeu que fosse preferido. Foi esta a causa da nodoa negra da sua vida, do crime que elle tentava debalde esquecer. Lembrou-se das severas penitencias que tinha feito por tantos annos, da sua caridade e boas acções, mas este grande peccado erguia-se acima de tudo, e sentiu que se morresse sem o confessar, não podia esperar a salvação!

Acabada a missa, o conde de Derby perguntou-lhe se tudo tinha sido ao seu gosto.

—Tudo, e muito vos agradeço, respondeu Paslew; mas não me julgueis importuno se vos peço ainda outro obsequio. Desejava confessar-me antes de morrer.

—Eu já antecipei o vosso pedido, tornou o conde: e um confessor estará comvosco, no vosso quarto, em menos de uma hora.

—Se pudesse ser, disse Paslew, queria confessar-me ao monge que foi prior d'este convento.

—Isso não vos posso conceder, respondeu o conde. Mas supponho que vos pode servir do mesmo modo aquelle que vou mandar-vos.

Com isto retirou-se, e todos saíram da egreja. O abbade achando-se só começou a passear pelo quarto, procurando socegar o seu espirito agitado, até que viesse o confessor. Quando este entrou, e que elle reconheceu o mesmo monge da capella, trazendo ainda o rosto encoberto, atirou consigo para cima de uma cadeira, tapando a cara com as mãos. O monge conservou-se immovel esperando que elle fallasse; por fim Paslew lhe disse:

—Quem sois, e d'onde vindes?

—Sou um monge da vossa ordem, e venho

da parte do conde de Derby confessar-vos, se quizerdes!

—E o vosso nome?

—Eu não vim nem para ouvir, nem para responder a perguntas, mas para vos confessar. Lembrae-vos que em pouco tempo tereis de dar contas perante o tribunal eterno de todos os peccados que possaes ter commettido, e talvez que os minutos que vos restam sejam poucos para o arrependimento.

—Tendes razão, e começarei já porque tenho muito que dizer.

Ha trinta annos era prior d'este convento: ate esse tempo não tenho muito de que me accusar: a ambição de governar n'esta casa era o meu maior peccado, que crescia de dia para dia. Entre os monges havia um chamado Boslace Alselham, homem de muito talento e extraordinario saber. Tinham todos por elle muita consideração e foi eleito sub-prior. Entrou-se a dizer que pela morte de William Kede, abbade n'aquelle tempo, Boslace Alselham seria seu successor: foi isto que excitou no meu coração contra elle um odio insaciavel, e o desejo de me desfazer d'esse homem por qualquer meio que fosse. Accusei-o pois de feiticeiro, accusação facilmente acreditada, e tanto mais quanto elle se interessava no estudo das sciencias occultas. N'uma noite em que elle estava ausente entrei na sua cella e mais outros, e examinámos-lhe os seus livros e papeis, muitos dos quaes estavam cobertos de letras cabalisticas, e desenhos mysticos. Esperei a volta de Alselham para o prender. Na manhã seguinte foram examinados perante os irmãos reunidos na casa do capitulo: foram inuteis todas as suas protestações de innocencia, foi condemnado unanimemente. Para impedir um escandalo resolveu-se guardar segredo tanto sobre o crime como sobre o seu castigo, o que se tornava possivel por haver no convento um carcere construido de modo que nenhum grito ahi dado se ouvia cá fóra: era tão estreito que apenas dava logar para um homem se deitar: o infeliz habitante d'esta cella recebia o alimento por meio de uma pedra revoloente, e o ar por uma estreita fresta no tecto, por onde entrava tambem um debil raio de luz. Ali vi eu encarcerado Boslace Alselham: lembro-me hoje do olhar que me lançou quando entrara, e por muito tempo se repercutiu nos meus ouvidos o seu gemido, quando os pedreiros encostaram a pedra que se tinha deslocado para o admittir. Houve um longo silencio em que se ouviam só os soluços do abbade: por fim o monge perguntou-lhe:

—E o preso morreu na cella?

—Assim o julguei até hoje: mas se elle se escapou foi por algum milagre, ou ajudado pela arte de que foi accusado.

—Escapou, disse o monge. Olhae, João Paslew, e vede a vossa victima. Abbade infame, olha para aquelle que tão falsamente accusaste.

—Boslance Alselham! exclamou o abbade aterrado: será possivel que sejas tu?

— Vês-me e podes duvidar? respondeu o outro. Vaes saber como escapei, porque meio estou aqui para me vingar do mal que me fizeste. Mudámos agora de logares, abbade de Walley: tu és o accusado, e sou eu que heide assistir ao teu supplicio!

— Perdoa-me! perdoa-me! murmurou o abbade.

— Ouve-me, João Paslew. Pelos peccados mortaes a que fui levado és tu responsavel: se não fosses tu poderia ter vivido até hoje livre de culpa. Quando me achei fechado n'aquelle carcere não posso dizer a desesperação que senti: atirando comigo para cima da enxerga, tentei não tomar alimento, esperando a morte como o unico allivio que me restava. Mas o instincto da conservação foi superior, e no segundo dia tomei a porção de pão e agua que me davam. Oh! como eu suspirava então pela liberdade! O que não faria eu para despedaçar aquelles muros que eram as paredes do meu sepulchro! Horrorisava-me a idéa de que podessem esquecer-se de mim, ou deixarem-me morrer voluntariamente de fome. Gritei para me socorrerem, mas só me respondia o ecco; bati na parede com as mãos até me escorrer o sangue, e desisti exausto de forças. Não tinha fome: mas a solidão era mais terrivel do que a morte! Uma noite ouvi uma voz que me dizia:

— Para que te cansas com esses furores inuteis! se queres que eu te ajude, eu posso e quero fazel-o!

Na profunda escuridão percebi uns olhos que pareciam lançar de si faiscas de fogo.

— Queres a liberdade? podes tel-a se me seguires.

Senti pegarem-me no braço com tanta força que não pude resistir. Subi: e o tecto abriu-se para me deixar passar. N'um instante achei-me no telhado do convento, e vi ao meu lado um vulto indistincto que parecia pouco mais do que uma sombra.

— És meu, me disse a mesma voz; mas eu concedo-te um longo periodo de liberdade, e para presenciar a ruina do teu inimigo.

— Para isso, para me vingar d'elle, nada ha que não esteja prompto a tentar! e ajoelhei-me perante o demonio.

— Mas terás que esperar algum tempo, replicou elle; não posso por ora vingar-te. D'aqui a trinta annos será o dia do seu castigo. D'aqui a vinte e nove annos podes voltar, vae ao monte

de Rudle que ali te encontrarei, e saberás então o que terás de fazer.

— Com isto desapareceu e eu desci do sitio aonde estava. O ceo estava lindo. O mosteiro entregue á paz, ao socego: mas eu temia de sair pensando que por tua causa teria de andar errante longe dos sitios aonde julgava ter de passar a vida, e possuir uma dignidade que era o alvo da minha ambição: só essa ambição me tem sustido. É só para vingar-me: e vou vingar-me!

— Mas como pode ser verdade o que ouço? respondeu o abbade que tinha escutado com horror esta narração. Dois annos depois de entrares para o carcere, como o comer ficava intacto, abriu-se a parede, e achou-se um cadaver meio desfeito.

— Foi tirado do cemiterio, e posto ali pelo demonio, disse o outro. Como tambem para não perceberem a minha fuga, um cesto conduzia as provisões que me eram destinadas. O que eu tenho padecido não t'o posso contar: basta saber que o meu desejo de vingança não affrouxou nunca. Voltei aqui no praso marcado, encontrei-me com o demonio como elle me tinha promettido, e soube tudo o que te havia de acontecer, e a parte que tomaria n'isso. Por esse tempo é que me encontrei com Elisabeth, e agradei-me d'ella: estava para se casar com o Cuthbert Ashbead, teu couteiro. Os nossos amores não te importam: gostou de mim e seguiu-me. Todos se afastaram d'ella; então ficou com fama de ser bruxa, mas não se importava com isso: affrontava rindo-se o desdem do mundo, até que lhe nasceu uma filha. E então fui outra vez perseguido por ti, foi outra affronta que me fizeste recusando baptisar a minha creança, e foste causa da morte de Elisabeth!

— Ai de mim! Ai de mim! exclamou Paslew.

— E não foi tudo: não contente do que já tinhas feito, pronunciaste uma maldição sobre um innocente que bem sei que será irremissivelmente cumprida. Se me tivesses concedido o que eu te pedi, ter-te-hia salvado, e ainda te salvaria se podeses retirar essa terrivel maldição. Mas não podes, não está no teu poder. Deves morrer, João Paslew, e morrer sem absolvição. Essa população, nota quem dominaste, hade contemplar o teu cadaver no alto de uma forca.

E dizendo isto, soltou-se do abbade, que o segurava pallido e tremulo pelo braço, e desapareceu aos seus olhos.

Continua.

## CHRONICA DA RAINHA

Acha-se completo o primeiro volume, que contém 440 paginas de folio, em excellente papel. — Preço, 3:250 réis.

O 2.º volume publicar-se-ha d'aqui a tres mezes.

**OBRAS QUE SE VENDEM EM CASA DO EDITOR A. J. F. LOPES, LIVREIRO.  
RUA AUREA, 227 E 228.**

Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837, e redigido por muitos escriptores distinctos. Publica-se regularmente todos os sabbados um numero contendo 16 columnas de folio com excellentes gravuras em madeira. Preço por assignatura — em Lisboa — anno 1:300 rs. — semestre, 700 rs. — nas provincias (franco) anno, 1:570 rs. — semestre 830 rs.	Um Quadro da Vida, drama em 5 actos, por Ernesto Biester, com um prologo pelo sr. L. A. Rebello da Silva, e um juizo critico pelo sr. L. de Mendonça, 1 vol. 8.º francez, rs. . . . . 480
As collecções completas, desde a sua fundação até ao presente, 13 volumes, acham-se unicamente em casa do Editor. Preço — em papel, 17:500 rs. — encadernados, 21:100 rs.	A Herança do Chanceller, comedia em 3 actos e em verso, por J. da S. Mendes Leal Junior, 1 vol. 8.º br., rs. . . . . 400
Illustração Luso-Brasileira, periodico universal, collaborado pelos nossos mais distinctos escriptores. Acha-se completo o volume de 1856 — folio grande — contém diversos artigos instructivos e de recreio, e mais de trezentas gravuras, assim de objectos nacionaes, como estrangeiros. Preço, em papel, 3:600 rs. — encadernado, 4:200 rs., em Lisboa.	A Redempção, comedia-drama em 3 actos, por Ernesto Biester, com uma introdução pelo sr. Mendes Leal Junior, 1 vol. 8.º fr., rs. . . . 360
Poesias de M. M. de B. du Bocage, colligidas em nova e completa edição, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas de um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por L. A. Rebello da Silva. Edição completa em 6 volumes de 8.º francez, com mais de 400 paginas cada um. Preço rs. 4320	Othello ou o Moiro de Veneza, tragedia em 5 actos, imitação por L. A. Rebello da Silva, 1 vol. 8.º francez, rs. . . . . 300
Natureza das Coisas, poema de T. Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez por A. J. de Lima Leitão. 1851 — 1853, 2 vol. 8.º br. rs. . . . . 800	Dois Casamentos de Conveniencia, comedia em 3 actos, por L. A. Palmeirim, 1 vol. 8.º fr., rs. 360
Fastos da Igreja, historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, por L. A. Rebello da Silva, com censura e autorisação do patriarcado. Publica-se em cadernos de 150 paginas; cada volume comprehende dois cadernos. — Estão publicados 4 cadernos, que constituem o 1.º e 2.º volumes, contendo a Vida de Nosso Senhor Jesus Christo completa. Preço de cada volume em Lisboa, rs. . . . 480	Dalila, drama em 4 actos e 6 quadros, por A. de Serpa, 1 vol. 8.º francez, rs. . . . . 400
Nas provincias, rs. . . . . 520	Camões e o Jão, scena dramatica, por Casimiro Abreu, 8.º rs. . . . . 100
Poesias de L. A. Palmeirim — 2.ª edição, correcta e augmentada, 1 vol. de 8.º francez, rs. 600	Duas Epocas da Vida, comedia em 3 actos, por Ernesto Biester, 8.º rs. . . . . 240
Os Homens de Marmore, drama em 5 actos, por J. da S. Mendes Leal Junior, com um prologo pelo autor, um proloquio pelo sr. L. A. Rebello da Silva, e um esboço critico pelo sr. Lopes de Mendonça, 1 vol. de 8.º francez, rs. 480	Camões do Rocio, comedia em 3 actos, por L. M. Feijóo, 1 vol. 8.º francez, rs. . . . . 300
O Homem de Ouro, drama em 3 actos (continuação dos Homens de Marmore), por J. da S. Mendes Leal Junior, com um prologo pelo autor; e um juizo critico pelo sr. Ernesto Biester, 1 vol. de 8.º francez br., rs. . . . . 300	Casamento e Despacho, comedia em 3 actos, por A. de Serpa, 1 vol. 8.º francez, rs. . . . . 320
Rudimentos de Economia Politica, para uso das escolas; por F. A. Marques Pereira, 1 vol. 8.º br., rs. . . . . 200	Sermões do doutor Francisco Soares Franco Junior, 1 vol. em 8.º francez rs. . . . . 480
Adições ao Manual do Tabellião, por F. V. da Silva Barradas, 1 vol. 8.º francez br., rs. . . . 200	Eneida de Virgilio em portuguez, 3 vol. 8.º francez, br., rs. . . . . 2880
Memorias de Litteratura Contemporanea, por A. P. Lopes de Mendonça, 1 vol. 8.º fr., rs. 720	O 3.º volume só, rs. . . . . 1000
Medicina Legal, por Sédillot, traduzida pelo doutor Lima Leitão — 2.ª edição augmentada de notas, 2 vol. em 8.º francez, rs. . . . . 1200	A Torre do Corvo, drama em 4 actos e um prologo, pelo autor do Camões do Rocio, com o parecer do ex.º sr. conselheiro Garrett, 1 vol. 8.º francez, rs. . . . . 400
A Cruz, drama em 5 actos, por Luiz de Vasconcellos d'Azevedo e Silva, 1 vol. 8.º fr., rs. . . . 320	A Mocidade de D. João v, comedia-drama em 5 actos, por L. A. Rebello da Silva e Ernesto Biester, 1 vol. 8.º francez br., rs. . . . . 480
	Uma viagem pela litteratura contemporanea, por Ernesto Biester, 1 vol. 8.º fr. br. rs. . . . . 200
	Uma viagem á Inglaterra, Belgica e França, por J. Mesquita da Rosa, 8.º port. br. rs. . . . . 120
	Como se sobe ao poder, comedia em 3 actos, por L. A. Palmeirim, 1 vol. 8.º francez br. . . . . 400
	O Sapateiro d'escada, comedia de costumes em 1 acto, por L. A. Palmeirim, 1 vol. 8.º fr., rs. 160
	Reflexões sobre a lingua portugueza, por Francisco José Freire. — Candido Luzitano, 8.º br., 3 vol., rs. . . . . 720
	Sambul, comedia em 3 actos, e 9 quadros, por Aristides Abranches, 8.º fr. br., rs. . . . . 300
	Tambem se acham á venda no armazem de livros do Editor A. J. F. Lopes, rua Aurea, n.º 227 e 228, os primeiros oito volumes da Collecção Chronologica da Legislação Portugueza de 1603 em diante, annotada pelo doutor José Justino d'Andrade e Silva. — Preço de cada volume 2:200.
	No prelo :
	Poesias de J. da S. Mendes Leal Junior.
	Pedro, drama em 5 actos, por J. da S. Mendes Leal Junior.
	Scenas de familia, comedia em 2 actos, original de Antonio Cesar de Lacerda.
	Alva Estrella, drama em 5 actos, por J. da S. Mendes Leal Junior.